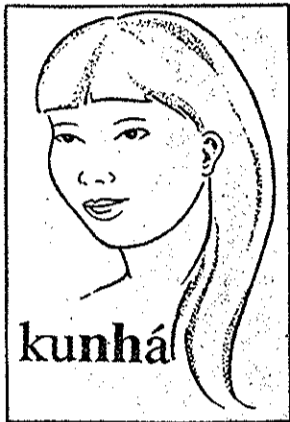


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: Koripako
 Data 20/04/92 Pg.: 2PR00001

Velhos mantêm
 língua nativa
 preservada



Koripako na língua geral significa "gente do pato". A nação indígena é muito pequena tendo sido identificado, no último censo, 38 indivíduos na comunidade São Joaquim e 22 na Camanaus, em São Gabriel da Cachoeira. Segundo os pesquisadores, somente os velhos falam a língua nativa. A divisão do trabalho é seguida a risca. Cabe aos homens a tarefa de preparar a terra, queimar, pescar, preparar o pescado, fazer a construção da casa, fabricar armas, munições, canoas e cestaria. As mulheres compete: fazer a plantação, participar de atividades de pesca com anzol, preparar o barro para aplicação na parede, carregar as pedras na construção da casa.

Os estudos realizados até o presente indicam que, praticamente, inexistem entre os Koripako indícios de rituais ou mitos originais da tribo. Esses desapareceram na medida em que os índios foram contatados por missões religiosas. Para os Koripakos, existem remédios semi-mágicos que são "remédios do pescador" (KophE itapE), uma substância vegetal que se dá ao pescador para atrair os peixes, da mesma maneira que o perfume seduz as mulheres. O povo Koripako não tem o hábito de acumular provisões alimentares a longo prazo. O padrão de consumo dominante entre os Koripako do rio Itana é comunitário, duas vezes ao dia. Na Casa de Conferência, com a permissão do capitão, a comunidade se reúne para a alimentação coletiva. Cada família traz um pouco de pescado, carne, fruta, verdura, farinha e vasilha para o chibé. A comida é repartida em proporções iguais entre todos os convidados. Se há algum visitante no povoado, este não é convidado a participar da ceia. (fonte de consulta: "Apontamentos para a Biblioteca da Língua Koripako"), de autoria da pesquisadora Maria Amália C.B. Ferreira.(nm)

NR - As ilustrações foram extraídas do Caderno de Literatura Nheengatu



Linguística indígena é objeto de estudo para a formação de doutores

Há dois anos, 18 professores universitários trabalham em um projeto inédito no Brasil: formar pesquisadores na área de Linguística Indígena. A proposta de estudo, por um período de doze anos, envolve as línguas Baniwa, Koripako, Tariano, Baré, Warekêna, Mandawaka e Yabáana. A defesa de tese da

maioria do grupo (14 mestrandos e quatro doutorandos) será em março de 1994. Os trabalhos passarão a fazer parte do Programa do Centro de Estudos em Línguas Ameríndias, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O Celsa, coordenado pelos professores-doutores Jean Pier-

re e Alexandra Ackenowalt, é o único, do gênero, no País. Sua constituição se deu a partir da formação de uma equipe de professores que têm pelo menos dois pontos em comum — a pós-graduação (mestrado e doutorado), e a linguística indígena, como objeto de pesquisa. "Há um campo completamente desconhecido nessa área e acabe aos pesquisadores, principalmente os das universidades brasileiras, a maior responsabilidade nessa tarefa de desvendar o rico conhecimento que essas línguas guardam há séculos", defende a professora Maria Amália Castello Branco Ferreira, do Departamento de Letras, da Universidade do Amazonas, e uma dos doutorandos da UFSC. Mestre em psicolinguística, a futura doutora estuda a Língua Koripako, da família Baniwa, trabalhando com a comunidade de São Joitará o Departamento de Antropologia, da Universidade Nacional de Los Andes, na Colômbia. Esse departamento há anos desenvolve trabalhos com os Koripakos que habitam o território colombiano. "Quero conhecer o material coletado pelos professores daquela universidade. Eles poderão ser muito importantes para a minha pesquisa", anuncia.

Projetos — Animada com os primeiros resultados da sua investigação, a professora Maria Amália acredita que, dentro de pouco tempo, a Universidade do Amazonas, junto com outros parceiros, poderá ter um amplo projeto de Educação nas línguas maternas. "Nós precisamos abrir caminho para fazer a ciência linguística aproveitando o nosso mais rico potencial, as nações indígenas. Isso vai refletir outras necessidades como, por exemplo, a reformulação dos currículos, especificamente o do curso de Letras", ressalta.

